

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

2ª SÉRIE

2º ANNO — OUTUBRO DE 1873 — N.º 10

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1 8 7 3

REVISTA MENSAL

1878

ESBOÇO BIOGRAPHICO

PADRE LUIZ M. GONÇALVES DE BRITO

I

Enorme encargo pesa hoje sobre mim !

Os meus distinctos confrades do *Parthenon Litterario* quizerão que, á todo custo, eu apoiasse a minha fraca individualidade aos seus trabalhos na *Revista Mensal*, e para isso pedirão-me que me encarregasse da biographia do sempre chorado padre Brito.

Para mim, o pedido dos meus consocios e amigos é quasi uma ordem, á que me não posso furtar, já pela amizade que nos liga, já pelo respeito que tributo á confraternidade litteraria, que existe entre todos os membros do *Parthenon*.

Retirado, ha muito, das lides da imprensa diaria e periodica, eu sinto, bem á pezar meu, que me vão fallecendo, dia á dia, os recursos intellectuaes, de que se ha mister na arena da palavra escripta.

Sinto-o ; e, convicto d'isso, continuaria a vegetar no meu esquecimento, se não fora lembrar-me (como já o disse) da muita deferencia que devo ás attenciosas instancias d'esses amigos.

De passagem, por alguns dias, n'esta cidade, não tive tempo de angariar minuciosas informações, que collocassem o meu espirito na altura do assumpto de que devo tratar. Muito escassas, muito exiguas forão as noticias, que pude colher de alguns amigos, e outras que obtive da *Revista do Instituto Historico e Geographico d'esta Provincia*.

Em vista, pois, do exposto, os leitores d'esta *Revista* não estranharão que, em vez de uma biographia completa, eu lhes de

apenas um esboço biographico, e esse mesmo mal delineado e imperfeito.

Eu quizera que assim não fosse !

Para homens que, em sua curta passagem por este mundo, deixarão um rastro luminoso, em que se reflectem, uma á uma, todas as virtudes que lhes ornavaõ o espirito; para aquelles que forão um modelo, em que a sociedade deve ir apurar e depurar os seus usos e costumes; para esses entes, predestinados por Deus á serem exemplo entre os humanos e embellecimento de seu tempo; para essas creaturas raras pelo talento e pela virtude, eu sempre tive um culto votivo do mais profundo respeito, e desejava que, após o seu passamento, outro mais habil do que eu viesse descerrar a cortina da eternidade, que os envolve, e mostral-os ás multidões na sublime nudez de sua grandeza e brilho !

Para que haja valor intrinseco n'um trabalho d'esses, é mister que o biographo tenha o condão de subir á altura do biographado; e, infelizmente, eu não o posso fazer. Limitar-me-hei, portanto, á deitar algumas flôres singelas e puras pela intenção sobre a lousa, que hoje encobre o illustre padre Brito. E' muito pequeno, é muito humilde o tributo que lhe pago; mas n'essa pequenez e humildade terá ao menos por si a sinceridade com que é votado. Seja ella a salvaguarda d'este meu escripto.

II

Luiz Manoel Gonçalves de Brito nasceu n'esta capital no dia 5 de Novembro de 1830. A fortuna, cega e incomprehensivel sempre, não o emballou em berço doirado, nem o acalentou com suas esquivas e illusorias caricias. O innocente não soltou os seus primeiros vagidos entre as pompas da grandeza mundana, nem teve os affagos officiosos dos assalariados de libré e dos alviçareiros de ante-camara. Não houve movimento na cidade; a população da capital, tão amiga de cortejos (salvas as honrosas excepções) não se apresentou á porta do casal Brito para ver e beijar o recém-nascido. Ninguem foi prophetisar, junto do berço do infante, qual seria sua vida futura. Ninguem deu fé do acontecimento. Tudo se conservou materialmente tranquillo na cidade. E' que o Omnipotente, insondavel sempre em todos os seus arcanos e decretos, tinha determinado que, junto d'aquelle berço bem-aventurado, não se podessem atufar a lisonja e a mentira official. E' que n'aquelle nascimento humilde ia reproduzir-se uma imitação, (bem raras imitações!...) de outro nascimento, que teve lugar há dezenove seculos. Na pobreza de gallas mundanas e na

pequenez do tecto paterno, quiz o Eterno que o predestinado fosse imitador do divino philosopho de Genesareth ; e por isso ao lado d'aquelle berço humilde só velava a amizade santa de uma mãe carinhosa.

Era ella, que idolatrava o filho querido, ella que o alentava com seus affagos, era ella a unica que podia e devia receber os primeiros sorrisos do innocente ; foi ella, sem duvida, quem regou com suas lagrimas a flôr dos bellos sentimentos que, mais tarde, tanto o illustrarão.

Nos brincos innocentes da primeira infancia, os seus cuidados erão a santa salvaguarda do menino : elles o cercavão por toda a parte, amparando-lhe os passos incertos e conduzindo-o pela senda da virtude e do dever. A' esses cuidados, sem duvida, deveu elle o conservar intacta a pureza d'alma, n'uma epocha de subversão de costumes, como foi aquella em que se lhe escoou a infancia. Se era facillimo n'aquelle tempo, em que uma luta fraticida espedaçava o coração da provincia, o corromper-se á homens, quanto mais facil não seria o transviar-se o espirito vacillante de um menino? . . . N'aquelle conflagração geral, em que se subvertião os bons costumes ; só os olhos da mãe carinhosa e desvellada pelo filho poderião livral-o de ir arrojado na torrente desenfreada, que submergia e suffocava todos os bons sentimentos, todas as boas disposições !

Oh ! mãis de familia, como é sublime a vossa missão !

Foi durante os calamitosos dias da revolução d'esta provincia que o pequeno Luiz attingio á idade e desenvolvimento physico sufficientes para encetar os seus trabalhos escolares.

De seus primeiros mestres e condiscipulos nada sabemos.

Erão tão mudaveis, tão sem estabilidade a mór parte das aulas d'esse tempo, que só á força de muita vontade e de muita vocação para o estudo podia um menino fazer progressos. Nem o gosto pelo estudo, nem a vocação aos trabalhos de espirito escasseavão ao joven escolar.

Informão-nos pessoas que o conhecerão n'esse tempo, que desde os mais tenros annos elle manifestára muito gosto pelas letras, o que, reunido ao seu talento precoce, era o melhor augurio de seu futuro litterario. Infelizmente elle se vio obrigado a cortar largo em suas aspirações litterarias, porque havia deficiencia de escolas de ensino superior na provincia. Fez, porém, o que se podia n'esse tempo, e conseguiu muito, porque ao retirar-se das aulas era professional nas materias que cursára. Mas o ensino elementar, dado nas aulas primarias, não satisfazia áquelle espirito superior : era mister que o alimento espiritual igualasse á grandeza d'aquelle coração magnanimo.

O finado bispo D. Feliciano, (de santa e saudosa memoria)

perpetuando a sua passagem na prelasia d'esta diocese pela creação de um seminario episcopal, facilitou ao virtuoso mancebo os meios de saciar a sêde de estudos, que o devorava. No dia 1 de Março de 1855, o joven Luiz matriculava-se no internato d'aquelle seminario, e só o abandonou em 28 de Setembro de 1856 (anno e meio depois) quando recebeu as ultimas ordens sacras.

Da aptidão e zelo do seminarista, facilmente se julga pela brevidade com que concluiu em tão curto espaço de tempo os estudos completos de doutrina sacerdotal.

Ainda hoje o clero rio-grandense, formado em sua mór parte com os estudantes d'aquelle tempo, é unanime em tecer merecidos encomios ao talento e ás virtudes, que tanto ennobrecerão o seu finado collega.

Era justo que á um pobre moço e virtuoso, como era o padre Brito, galardoasse com sua estima e confiança um bispo venerando, como o foi D. Feliciano Prates; e por isso, quasi em acto continuo á sua sagração sacerdotal, era elle escolhido, (5 de Outubro de 1856) por provisão do bispado, para coadjutor da freguezia do Rosario, cargo que, com rara solicitude e piedade evangelica, exerceu durante tres mezes, sendo d'elle transferido para igual cargo na freguezia da Madre de Deus em 9 de Janeiro de 1857.

Sacerdote christão na accepção da palavra, para elle o seu mundo, a sua vida, todas as suas aspirações, cifravão-se no exacto desempenho de suas obrigações no apostolado da religião de caridade. Nunca a viuvez e a orphandade procurarão o seu apoio, sem que elle se fizesse logo sentir pela consolação do conselho e pela esmola. Verdadeiro interprete da doutrina do martyr do Golgotha, elle tinha sempre uma palavra amiga e uma exhortação paterna para chamar ao aprisco de Deus a ovelha tresmalhada.

Nunca a blasphemia passou-lhe pelos labios; nunca o rancor se pôde aninhar n'aquelle puro coração.

Quem via e ouvia o padre Brito era arrastado insensivelmente á crer no Deus misericordioso, cujo Cordeiro immaculado se sacrificou pela redempção dos homens. Bemaventurado padre! Se em nosso clero fossem todos teus emulos na virtude e no saber, quanta grandeza, quanta gloria, já perdidas, não recuperaria a santa igreja rio-grandense, de que foste um dos mais bellos e legitimos ornamentos!

.....

III

Pouco mais de quatro annos exerceu o padre Brito o cargo de vigario n'esta capital. Aguda enfermidade veio tolhel-o no meio da santa peregrinação, e o justo pagou cedo o infallivel tributo da contingencia humana. Em 30 de Abril de 1863, na cidade da Cachoeira, onde fôra procurar allivio aos padecimentos do corpo, falleceu o sacerdote, cujas premissas na vida ecclesiastica ainda hoje são apontadas como muito raras.

O ministro de Christo que, como o seu divino mestre, nascera humilde e vivera na humildade ; como elle expirou no trigesimo terceiro anno de vida terrena.

Sua curta passagem pela igreja rio-grandense foi, por certo, uma benção do Senhor á este povo, em que nunca se extinguiu a fé na unica e verdadeira religião. —

A população d'esta capital, que o conheceu de perto, a provincia que soube apreciar-o devidamente, hão de sempre render-lhe os cultos de saudosa homenagem, perpetuando o seu nome entre o de seus mais virtuosos e esclarecidos filhos.

IV

Vamos terminar a nossa espinhosa missão ; mas não podemos fazel-o sem que primeiro consagremos duas linhas ao homem social.

O finado padre Brito, como cidadão, como brasileiro, interessava-se pelo progresso de seu paiz, e, sem que se envolvesse nas lutas odiosas de partido, era liberal de convicções, sendo, n'essa qualidade, eleito deputado provincial na legislatura de 1862—1864, vindo a morte arrebatá-lo durante esse tempo.

Dotado de um character honesto em extremo, ainda que não apparecesse na tribuna profana, o benefico influxo de suas luzes actuou nos trabalhos das commissões á que pertenceu.

.....

Concluindo estes simples apontamentos, apanhados, por assim dizer, *à vol d'oiseau*, ainda uma vez, pedimos aos benevolos leitores da *Revista* toda a sua indulgencia para trabalho tão imperfeito.

MENEZES PAREDES.

Porto Alegre, 10 de Outubro de 1873.

JOSÉ DE ALENCAR

(ESTUDO BIOGRAPHICO)

III

Aberrando do proposito em que estavamos de dar á publicidade sómente a biographia de nossos concidadãos já finados, entre-sachamos hoje a de José de Alencar.

Não envolve nem lisonja, nem preterição.

A distancia e a ausencia de outro sentimento que o de justiça e imparcial homenagem inutilisarião a primeira; a segunda desapparece diante de direitos incontestaveis, documentados por volumes de subido merito e quilate raro.

E quem, senão elle, devia entrar em nossa galeria! Não vierão outros desde a cógula até a espada, que, apezar de illustres por virtudes e feitos, não correspondião exactamente aos fins da *Revista*?

Accresce, além d'isto, que a critica ultimamente tem lançado os mais cruéis apódos e invectivas contra o distincto cearense; mas esta critica pautada pelos sentimentos de Fréron e Agostinho de Macedo, que, incapaz de apreciar com louvor a filigrana, os arabescos e primores artisticos em obras extranhas, se apega apenas aos pequenos defeitos, e que, se fosse analysar o sol, sublime producto do divino architecto, notar-lhe-hia sómente as manchas, sem fallar-nos da luz.

Criticar não é detrabir, é pelo contrario fazer sentir o que ha de bello, o que eleva, commove e impressiona-nos á leitura d'um livro ou em presença de qualquer outra obra; é notar a imperfeição sem acrimonia, sem o caustico motejo, sem ampliar a som-

bra a ponto de tornal-a uma nuvem a envolver o trabalho inteiro. Não ha censura, ha conselho; não é um zoilo que deprime, é um amigo que falla; é uma voz lhãna que se ouve e não o diapazão de desapiedado carrasco.

A critica, entre nós tem tomado rumo por mares nunca d'antes navegados e vai de vela enfunada, como se não houvesse recifes. Ou tem para tudo um capitolio, ou então uma tarpéia. E' exclusiva em seus juizos, ou alenta ou mata; ás vezes estaza à penna em esforços inuteis para provar que uma obra insignificante e nulla deve viver, outras arqueja de cansaço na impossibilidade de arrancar o sello impercível a uma feliz inspiração. Não vêm os perigos de semelhante systema e vão mui anchos de si e quasi seguros da gloria na posteridade. Por isso se torna mais difficil encontrar o pensamento amplo e de larga intuição de Taine, Benlœw e T. Braga do que artefactos litterarios.

Não souo mesmo a hora para o periodo da erudicção. Um povo que começa, é de lei, não tem Aristarcos e Longinos.

E' triste no entretanto o que vemos. Sinceras vocações, operarios cheios de patriotismo a braços com a matula faminta que só tenta dilacerar! Aqui o autor de quatro modinhas para violão, duas ou tres glosas, uma duzia de charadas, outro tanto de enigmas e logographos, e que com tal fardel julga ter subido ao pinaculo do Parnaso e poder ferir á direita e á esquerda, desde que não foi prurido em seu amor proprio; ali o escriptor, que acachapado sobre o peso de sua mediocridade, procura a todo o transe fazer fallar de si, e com este fito atira-se ás reputações feitas, deixando á mostra as sandalias de Empedocles; mais adiante um fóssil, um Cincinnato, cuja linguagem e estylo parecem filiar-se ás origens portuguezas, com rarissimas variantes, e assustado pragueja diante do idioma que ao sol da America readquirio mais riquezas, lustre e vigor, desejando talvez que fallassemos e escrevessemos como Azurara, ou alguma coisa assim como este fragmento de Gonçalo Hermiguez:

Tinhe rabos, non tinhe rabos,
Tal a tal cá monte?
Tinharedesme, non tinharedesme,
De la vinharedes, de cá filharedes
Cá amabia tudo em sona.

Ha ainda: d'um lado o politico em arraiacs adversos querendo abater a influencia de seu competidor; de outro a inveja, o despeito e rancores profundos que cegão ao ponto de negar a verdade e direitos adquiridos.

Não envolvemos n'este numero as habeis pennas de Pinheiro Chagas e Sempronio, ainda que não concordemos com a generalidade das opiniões emittidas. Sempronio parece-nos por motivos

que não aventamos ter algum ressentimento contra José de Alencar. Em todas as suas cartas palpita a vehemencia d'uma paixão reconcentrada a extravasar profusamente. Ha n'ellas vasto conhecimento de differentes litteraturas, doutrina substancial, fallão e tocão na eiva das obras do distincto cearense; porém não apontão nos ao mesmo tempo as bellezas que as ennastrão e caracterisão.

Concordamos que a penna de José de Alencar por mais de uma vez desenhasse pallida e friamente scenas de nossos costumes nacionaes, esquecesse um ou outro tom, tenha mesmo algumas anomalias na fusão dos caracteres, no estudo psychologico de seus personagens, pontos menos desculpaveis, como no *Garúcho* e em Richardo dos *Sonhos d'ouro*.

Concordamos ainda que nem sempre seu estylo tem esta energia mascula que seria para desejar.

Quanto ás questiunculadas de grammatica e outras minudencias não são ellas dignas de luzirem juizos de critica transcendente, que deve ater-se antes ao espirito das litteraturas, á disseccção dos caracteres e sentimentos, á analyse da concepção e do plano da obra.

IV

A Cezar o que é de Cezar.

A José de Alencar o talentoso Sempronio oppõe F. Cooper, e não sei que serie de outros romancistas desde W. Scott até Balzac, Dumas e Victor Hugo, como se estes cicerones da republica litteraria fossem isentos de maculas. Trazem todos elles o cunho, a prova da contingencia e fallibilidade humanas, e cada qual, ainda que genuflexo no mesmo templo, ante as mesmas aras, compenetrado do ideal do mesmo Deus, obedece á leis emanadas de sua natureza individual e gyra na orbita que é propria de sua intelligencia. O mundo physico e moral correspondem-se; assim os planetas parecendo identicos pela fórma e destinos, são differentes em manifestações accessorias: Vesper não é Saturno. O homem não se afasta da regra.

E' a occasião de perguntarmos a Sempronio: Não tem Cooper defeitos ao lado de grandes qualidades que lhe grangearão universal renome? Não suffoca e entibia a revêzes nos quadros da opulenta e virgem natureza americana, trasladados a stereotypo, a acção do romance, o interesse da narrativa? Se com admiravel fidelidade desenha a paysagem com estes troncos gigantes contemporaneos das primeiras idades, com a tribu de arbustos, cipós e parasitas, até no cambiante do matiz e no vario do recôrte, vigando á sombra dos cópas seculares; se ahi não lhe escapa o in-

secto que vòa, o passaro que gorgeia, o quadrupede que abala a selva á passada e ao rugido; se no deserto não lhe passa desapercibido o múrmur mysterioso das aguas, a surdina da aura, o colorido desde o toque da luz ardente até o tenue e vaporoso mortecôr do crepusculo; não é tambem certo que o estylo e o drama perdem de movimento?

E demais, Cooper, admittindo-se a poesia bebida nos aborignas, o que geralmente admittem, como a expressão mais accentuada e genuina de nossa litteratura, não é sem predecessor como Sempronio o assevera.

Atalá e os *Natchez*, fructos d'esta tendencia do espirito humano a desvencillar-se da tyrannia de Aristoteles e Horacio, a revestir não a chlamide grega e a tóga romana, mas a tunica christã; a não haurir o enlevo, a inspiração no materialismo d'um culto polytheista, mas na sublime unidade da religião do Golgotha; a não acanhar o pensamento de nossos dias nas estreitas fronteiras da antiguidade traçadas por Strabão e Ptolomeo, a não sondar o seio uberrimo da natureza sómente pela autoridade de Plinio, o naturalista; mas a dar-lhe azas para os vôos dos novos horisontes descobertos, a vazal-o em toda a sua exuberancia no molde immenso da sciencia e arte modernas. O proprio Chateaubriand é já o continuador de *Paulo e Virginia* e da *Cabana india*.

Devemos notar ainda que o autor do *Ultimo mohicano* encontrou poderosos elementos nas lettras da mãi-patria, o que os brazileiros não tiveram para acoroçoamento no principio d'este seculo, quando Portugal amortalhado no mauto glorioso de Camões, Sá de Miranda, Gil Vicente e João de Barros, renegava do torrão natal, abandonando-o á sanha de forasteiros. Pelo contrario a Gran-Bretanha combatia a Napoleão, e fazia tremer seu poderio que não deparava barreiras em todo o mundo.

A altivez e brios do povo inglez era partilha de cada um de seus filhos; havia em cada um essa energia moral, essa tempera rija e inquebrantavel, essa grandeza que reçumbra no passado, de Shakspeare, Marlon, Milton, Pope e Addison, e se continuava em W. Scott, então no apogêo da gloria, na escola dos *lakists*, Byron, T. Moore e tantos outros.

De que necessitava mais Cooper? Não estudava em W. Scott os mais bellos padrões do romance, e do romance no periodo em que se lhe dera a ultima de mão, e cruzava a Europa em triumpho? Em Wordsworth, Southey e Taylor não tinha elle a pagina scintillante de poesia simples, de sincero enthusiasmo pela natureza, a fidelidade dos traços e a delicadeza das tintas?

Em nossa humilde opinião, é este o principal motivo do progresso dos Estados Unidos, além de muitos outros que abundão. Os norte-americanos constituirão-se em nação, herdando a ceiva

d'um povo em toda a robustez de sua mocidade. Nós somos os fructos da decrepitude, trazendo no seio os germens do rachitismo que lento e lento vão desaparecendo em um clima renovador e vivificante.

E porque Sempronio ha de oppor sómente Cooper, ha de dar-lhe uma prioridade que elle só o não merece? Porque não concluiu logo que até hoje não tínhamos tido uma litteratura manifesta nas differentes fcições da nacionalidade? Que no começo do seculo, quando recebiamos o Vitelio da casa de Bragança (rei indigno de governar um nobre povo), e importavamos os fardos da Arcadia, nos Estados Unidos lançava-se a pedra fundamental de sua independencia litteraria, e ao lado de Cooper surgia o vulto proeminente de Gilmore Simms, o autor de *Guy Rivers* e *Martin Faber*, genio mais complexo, mais fecundo que o d'aquelle, e em cujas obras não só a face indigena da America transparece, como os costumes e as differentes epochas historicas da grande confederação.

Porque esqueceu Weber, o aventureiro audaz, e o companheiro de Andubon em suas correrias pelas florestas, onde colheu os quadros vivos da natureza e as tradições da raça vencida, como o mostram o *Velho Ficks* e as *Minas de Ouro*, credence semelhante á de Roberio Dias entre nós? Porém estes e mais uma enfiada de nomes proprios o que provarião?

Tudo, menos que José de Alencar no Brazil não tenha sido o roteador d'um terreno inulto e fragoso.

E com taes considerações o que provamos a Sempronio?

Duas coisas: que os mais bellos talentos tem seus defeitos e que para tentar affastar o prestigio d'uma legitima nomeada, como a de Cooper, não é necessario mais do que papel e tinta e com algumas pennadas, pondo em relevo as imperfeições, fazer esquecer para a maioria dos leitores menos entendidos e acautelados as altas qualidades do escriptor.

« Tomando a negação pelo fundo da critica, diz um autor, affectando em face da arte uma attitudo sobranceira, fazendo da critica uma requisitoria contra o crime de poesia, julgão realçar a critica, quando apenas a supprimem. A critica não é grande pelo que destróe, mas pelo que eleva. »

Assim o pensamos.

Se nos dessemos a uma analyse de Balsac, Dumas e V. Hugo, mais copiosa seria a colheita; porém no estreito perimetro d'uma esboçada biographia não é, por certo, occasião azada para largos desenvolvimentos, que abrangerião por ultimo quasi a historia da litteratura contemporanea.

Continúa.

GOVERNO E ADMINISTRAÇÃO

EPISTOLAS À FABIO JUNIO

EPISTOLA PRIMEIRA

AS PROVINCIAS DEVEM ELEGER OS SEUS PRESIDENTES

Foste ha pouco chamado ao comicio, na qualidade de cidadão, entraste no exame da cousa publica, e precisas dos meus conselhos, dizes tu na epistola que me envias.

Saúdo-te, cidadão do imperio, e auguro bem á cidade pelo empenho que tomas no cumprimento de teus deveres sagrados.

A tua voz no comicio pôde ser valiosa, se ella fôr o echo da razão esclarecida, se ella tiver o sinête do patriotismo, se ella fôr pelo menos a voz do bom senso.

Entre as tuas duvidas vem uma que não posso deixar sem uma resposta prompta, porque sobre ella tenho ha muito o meu juizo formado.

Dizes-me : « entrando nos negocios publicos sinto-me embaraçado em aceitar a lei que manda que os presidentes de provincia sejam nomeados pelo poder executivo — e contraria-me o costume de enviarem ás provincias homens, embora superiores, eminentes, de conhecimentos elevados, de todo alheios á vida intima, aos habitos e disposições dos povos que vão administrar. »

E' justificado o teu reparo.

A nomeação dos presidentes pelo governo central — a idéa aceita de que são elles funcionarios de confiança, as repetidas mudanças que n'elles se fazem, são a causa da má administração

das provincias, das variações que se notão nos negocios publicos, das perdas repetidas que se vêm na repartição das obras publicas, e na direcção dada ao espirito administrativo

Um presidente nomeado e chegado á uma provincia, por mais elevado que tenha o espirito, por mais integro que seja, é induzido á graves erros pela iguorancia em que se acha da população e do territorio, e tem necessidade de estudal-os antes de poder bem administrar.

O tempo gasto n'este negocio passa em pura perda para a cousa publica, emquanto a duvida, tateando por sobre o expediente e gerencia administrativa, vai produzindo todos os seus máos effectos.

E é quando um administrador começa a amestrar-se, que as exigencias do governo determinão a sua retirada da provincia, deixando em principio ou em meio a realização de suas idéas.

A nomeação dos presidentes pelo governo central os colloca n'uma posição independente da opinião das provincias, das idéas predominantes; e os elementos do poder extenso, a corrupção de que podem lançar mão sem grave responsabilidade, aggravão a inconveniencia de sua existencia, de sua origem, dos meios governativos de que dispõem.

A confederação das provincias, expressa pelo acto adicional, torna-se illusoria, visto que nenhuma responsabilidade tem perante as assembléas provinciaes, e podem empregar o producto do imposto como bem lhes apraz, com offensa flagrante do orçamento votado annualmente por esses corpos legislativos.

E' da natureza do *poder* alargar a orbita de suas attribuições, absorvendo delegações estranhas, e isto fazem estes delegados do poder executivo, atacando e coartando quanto podem a municipalidade, o que inutilisa o progresso, as tendencias liberaes da população, e torna-se um elemento *conservador* ou de restricção.

A tua duvida, como disse, é justificada, e razoavel o empenho que mostras em esclarecer-te.

Se formar parte do teu programma de vida publica a — *eleição dos presidentes pelas provincias* — irás bem, e muito util será a tua presença no conselho popular.

GEORGINA

(ROMANCE)

V

AMOR EM SEGREDO

Erão oito horas da noite...

Sempre era um dia de festa e de expansivas alegrias, aquelle em que o joven guarda-livros vinha passar na ilha.

Todos os sabbados assim acontecia e a familia reunida na varanda ficava toda entregue ás doces emoções de uma d'essas conversações tão simples em si, mas que a intimidade e poesia do lar sabe tornal-as seductoras e agradaveis.

A presença de Leoncio fôra bastante para conciliar-o com Georgina, desfazendo as dolorosas impressões da moça.

A conversação da joven com Angelica e a conciliação immediata com seu irmão adoptivo, revelão que do lado de Georgina só havia uma sincera amizade fraterna para Leoncio, o que melhor do que nossa penna, patenteia a afflicção innocente d'ella para este.

Educada na solidão, tendo por theatro social desde seus onze annos o acanhado perimetro da ilha, attingira aos deseseis, julgando o mundo e a sociedade por um prisma encantador, cujas côres brilhantes creava sua phantasia de menina.

Se no augusto templo de seu coração estremoso, o dever um dia impuzesse-lhe em nome de seus sentimentos a abnegação de um sacrificio heroico, Georgina não hesitaria e com a coragem

dos antigos martyres do christianismo, aureolar-se-hia de muda resignação ante o mais tremendo holocausto, para obedecer ás intimas convicções que lhe ordenassem ser victima.

Seria corajosa martyr ante um grande sacrificio, como seria fraca ante uma deslealdade; seria mulher desfeita em lagrimas em face de uma ingratidão.

A mulher tem sido até hoje um problema indefinivel para os maiores pensadores, e seu coração um labyrintho, onde o fio mysterioso de Ariadna jámais daria sahida ao temerario que tentasse penetrar seus fundos arcanos.

Quer no salão cortezão de Phryné ou no sanctuario puro de uma vestal, ha sempre na soleira de seu dominio o incognito de um mundo-novo onde o Colombo que devassou os mysterios de um, jamais teve genio para engrinaldar na frente as laureas de duas conquistas e os victores de dois triumphos.

Leoncio conhecia a affeição que inspirava a Georgina e esta ignorava á que lhe votava aquelle.

Não queremos fazer na joven protagonista d'esta narrativa uma excepção de seu sexo, negando-lhe essa penetração admiravel que a mulher tem de superior ao homem no estudo das paixões humanas que tocão ao coração. Queremos apenas achar os effeitos filhos de uma educação traçada no isolamento do mundo e longe de uma sociedade que incarna o mal, sem ensinar o bem.

Não acreditamos n'essas idéas innatas que alguns julgão que nascem no berço e desenvolvem-se com o tempo imprimindo em nossa marcha um fim prescripto desde a formação embryonaria de nossa natureza.

Não, não somos fatalistas, nem cremos no destino.

A humanidade como corpo colectivo terá em sua marcha leis fataes, que não póde deixar de obdecer, mas o homem encara-do individualmente não está na mesma relação, nem póde sujeitar-se á essas idéas innatas contrarias aos seus direitos de liberdade, que o tornarião um automato cumprindo e preenchendo uma missão traçada n'um outro mundo, que elle mesmo não conhece.

Aceitar semelhante proposição é considerar o homem preso por um laço inquebrantavel como o de Prometheu ao Caucaso, e o mundo será um leito de Procusto, martyrizando uma natureza, que antes de sentir o primeiro halito de vida, estava já fadada a suffocar as mais nobres e legitimas aspirações.

Georgina no seio da convivencia e intimidade desconhecendo a extremosa paixão que inspirava a Leoncio, apenas mostrava não conhecer esta arte feminina que a mulher estuda com avidéz desde os quinze annos e serve-lhe para descobrir o que convem e occultar o que não lhe agrada.

Ignorava, porque não tinha aprendido na educação, que recebera e porque ella só tinha-lhe embuido severos principios.

Porque occulta Leoncio um amor, que seus precedentes de moço honesto parece de antemão attestar ser uma afeição, que não deve fazel-o corar? Porque o fôro intimo de sua consciencia ordena-lhe esse — amor no silencio? Porque?... Eis mais de uma objecção pendendo dos labios de nossa leitora e as quaes o dever nos obriga explical-as.

Deixaremos de parte as divagações que nos pôde arrastar essa palavra *porque*, palavra fatal no idioma de todos os povos, enigmatica em todos os livros sybillinos, mysteriosa no seio de todas as crenças religiosas, para buscarmos a explicação necessaria ás objecções feitas, que pedem immediata solução.

Ao tratarmos d'esta paixão latente encerrada no silencioso sacario da alma apaixonada do joven guarda-livros, é-nos necessario remontarmos ao passado; assim vamos fazel o.

Um mez depois do nascimento de Georgina, o joven Leoncio entrava no seio da familia da recém-nascida, para abrigar á sombra da hospitalidade de seu padrinho a orphandade prematura que a desgraça lhe reservára em tão verdes annos.

Tinha cinco annos n'essa epocha, estava na idade em que os risos innocentes e as puras alegrias são um conviva da existencia e fazem envolto em perfumes desbrochar o botão em flôr da infancia.

O primeiro anno decorrido entre a familia que o adoptára, não tinha de todo apagado em sua memoria infantil a lembrança daquella que perdera. N'essa epocha de nossa vida em que as dôres mais profundas leve traço deixão após de si, semelhante a estas tempestades do estio, que em horas tornão o céo de chumbo em céo de rosas, não tinha podido fazer o pequeno orphão esquecer os passados tempos em que fruiu as doçuras ineffaveis do ninho paterno.

Algumas vezes entre seus brincos infantis repentinamente ficava absorto, com a fronte ensombrada pela melancolia, talvez ao perpassar-lhe pela mente uma lembrança que de chofre vinha perturbar a alegria do momento.

Outras vezes baixinho murmuravão seus labios tremulos pela commoção um nome, santo nome que o infante no berço sempre o balbucia entre uma chuva de sorrisos, é o de mãe.

Correrão assim os primeiros tempos.

Mas no meio de tudo isto sentia Leoncio falta de alguém que viesse partilhar com elle de sua existencia de menino. Em todas as naturezas humanas se encontra essa tendencia sociavel do espirito buscando uma sociedade que nos enlace pela unidade de idéas, costumes e idade.

Leoncio olhando em redor de si no lar domestico de seu padrinho, só encontrou o berço de sua irmã adoptiva para corresponder as aspirações de uma sociedade infantil com quem podesse pelo menos repartir seus risos e alegrias.

Georgina começou a inspirar-lhe a mais profunda sympathia.

O primeiro passo dado e a primeira palavra pronunciada ensinou-lhe o menino com extremoso cuidado e carinho.

Assim fugião nas azas do tempo os dias, mezes e annos.

Georgina crescia retribuindo tantos cuidados e carinhos de seu amigo de infancia com amizade e dedicação não menos inferior.

Afeição desinteressada e innocente foi de parte a parte a dos primeiros annos.

Mais tarde o coração de Leoncio substituiu sem mesmo sentir a amizade fraterna por um amor immenso e elevado.

Era moço n'esse tempo, e Georgina tambem tinha deixado o vestido curto de menina.

Em face d'esse amor acalentado em silencio no sanctuario inviolavel de sua alma, a fronte pensadora do moço pendia envolta em um mar de scismas.

Estava sua susceptibilidade em luta entre um circulo de ferro, seu coração debatia-se violentamente contra sua razão.

N'esse pleito de sua mocidade com seus sentimentos, havia uma luta titanea que só pôde avaliar aquelles que passarão por identicos embates, sentindo um dia uma paixão nobre e pura entumecer o peito, e virão-se ante uma vontade superior forçados a suffocar em embrião as mais legitimas manifestações do coração humano. Aquelles que já sentirão-as, avaliem.

— Porventura, dizia para si mesmo o namorado moço, devo eu, em troca de tantos beneficios, de tanta generosidade entre essa familia que acolheu-me desde meus verdes annos, revelar a Georgina a afeição que inspira-me, e a meu padrinho minhas pretensões sobre a filha, demasiadamente acima de minha posição obscura de orphão pobre, em face de uma herdeira rica? Porventura não irão minhas pretensões destruir talvez anhelos que todo pai cioso pelo futuro de sua filha sempre concebe e guarda intimamente todo esperançoso em realizal-os? E' possivel, e eu para corresponder a confiança que em mim depositão, contraio perante minha consciencia um compromisso pesado. Obrigarei á esse amor a não ultrapassar a orbita que desgraçadamente o destino lhe prescreveu. Sejam embora os meus dias futuros élos inquebrantaveis de uma cadeia de soffrimento; resigno-me desde já voluntariamente a ser a unica victima da lealdade e do dever, e possa essa voluntaria abnegação justificar esse amor acalentado em segredo e vivido na solidão.

Quanto á nós ainda que não possamos condemnar o procedi-

mento de Leoncio, não podemos comtudo deixar de notarmos que os seus delicados escrupulos é que fazião nascer consequencias tão feias á uma pretensão, que sinceramente cremos, seria bem acolhida pela familia Magalhães.

VI

AS CARTAS

Vinha rompendo a aurora de domingo, com essa magestade e suprema belleza, que tem as alvoradas das luxuosas e floridas primaveras americanas.

O rosicler do crepusculo matutino com suas cores fulgentes illuminava a orla do horisonte, qual polida lamina d'oiro exposta ao sol, a reverberar aureas scintillações.

Era cinco horas, e o astro rei, qual real sultão, deixava seus doirados cochins orientaes, e batia ás portas do harem do firmamento, para enamorar sua odalisca predilecta — a terra.

A natureza — epopéa eterna de encantos, desfeita em harmonias, erguia nas azas da viração matinal mil idyllios, que reboavão nos sinos da immensidade.

Cruzavão os ares nuvens de phalenas e multicôres colibris povoavão as regiões do espaço; as aves acordadas em seus ninhos pelos arrebôes que atravessavão com sua luz a opacidade das florestas, soltavão festivas canções, que servião de toque de alvorada aos moradores da ilha.

Erguidos já estavam elles, e á sombra da copada figueira silvestre contemplavão esses quadros sublimes da criação, tão cheios de luz e poesia.

Este saudavel costume da vida camponeza de deitar-se cedo e acordar-se com o romper do dia, era habito estabelecido na familia Magalhães, desde que seu chefe trocára a vida do negociante pela de agricultor.

Ahi estava elle em companhia de Leoncio e Georgina, mudos ante as magnificencias que vião.

— Não achas, Georgina, disse Leoncio rompendo o silencio, que esses paineis radiantes, pintados por uma mão divina, e essas mil emoções variadas, que se encontrão aqui a cada passo, compensão generosamente as poucas horas monotonas, que tu encontras na vida campestre? . . .

— Monotonia que jámais encontrei, desde que para aqui mudei-me, nem sei, meu caro Leoncio, onde tua irmã foi descobrir

essas horas monotonas... talvez no seu humor voluvel de menina, as vezes cheio de sorrisos, e outras coberto de tristezas... Humor femenino e por isso bem difficil de contentar-se com o bem-estar d'esta vida toda repleta de attractivos e amenidades, respondeu o velho Magalhães com todo o enthusiasmo de um admirador e o parcialismo de um campouio.

— Ah! quão pouco generoso é para comigo. Como Vmce., meu pai, replicou a moça, tambem amo essa natureza opulenta de encantos e primores, amo contemplar essas virgens matas, urnas sagradas encerrando harmoniosos múrmures, essa viração suave no perpassar resvallando perfumes roubados ás flores da campina, esses vergeis aljofrados de perolas ao romper d'alva e transformados em brilhantes prismas aos primeiros raios do sol. Fito com affecto esses campos, vastos plainos, onde ao raiar de brilhante aurora, corri menina entre folguedos pueris e ao cahir da tarde senti-me moça, com a fronte scismadora banhada pela luz melancolica do crepusculo vespertino. Que quer, meu pai, toda esta variedade satisfaz meus sentidos com abundancia, enche em profusão minha phantasia de sonhos, mas não povôa o ermo de meu coração e a solidão de minha alma.

Perdôe-me, as horas monotonas são aquellas, continuou a moça com carinho, que seus affazeres exigem a sua presença e roubão-me a sua companhia...

— Lisonjeira, disse Magalhães, derramas balsamo sobre a ferida, que tuas palavras em um momento abrirão.

Meu Deus, não julgava que expressões tão simples, tanto mal fizessem... Sim!... sim... mas o que te falta aqui, Georgina, e que desejas de mais?

— Sou muito ambiciosa... queria empregar essas horas monotonas, que as vezes encontro, no seio de uma sociedade que podesse corresponder ás minhas aspirações e em sua ausencia substituisse a sua tão amavel companhia, disse a moça com toda galanteria.

— Cuidado, padrinho, interrompeu Leoncio sorrindo-se, Georgina é muito capaz de rendel-o submisso aos pés de seus galanteios.

— Veremos... Desejas, proseguio Magalhães maliciosamente, uma sociedade do mesmo cultivo do teu espirito e, que satisfaça aos teus anhelos e a de tua mocidade?

— Sim... é isso mesmo, meu pai.

— Pois bem, vou mostrar-te onde encontrarás uma, que póde operar muitos milagres... Queres que te diga qual é, e como a descobrirás?

— Quero, e desde já autecipo meus agradecimentos á seu bom conselho de pai.

Magalhães ergueu-se do banco e chegando junto da filha, fallou-lhe a meia voz para ser ouvido por ella e Leoncio...

— Queres sempre ouvir meu conselho? instou elle.

— Sim, desejo sabel-o... quanto mais demora em contar-me, mais curiosa fico.

— Pois bem, Georgina, casa-te, porque o casamento é a panacéa universal para todos os males e tristezas femininas.

— Ora... disse a moça enrubecida e amuada com semelhante desfecho, enquanto as duas outras personagens d'esta scena, rião-se com não pequeno prazer ante o enleio da linda joven.

Para felicidade da desapontada veio callar as ruidosas expansões de Magalhães a chegada de um escravo trazendo duas cartas.

— D'onde vierão? interrogou elle ao recebê-las.

— Da cidade.

— Quando chegarão?

— Agora mesmo.

— Bem, estou satisfeito... podes retirar-te.

— Magalhães rasgou o envolvero e leu uma após outra, as cartas recebidas, enquanto os dois jovens reatarão nova conversação em voz baixa.

— Como, Leoncio, disse Magalhães depois da leitura, não me fallaste ainda em Julio de Aguiar, chegado á capital a quinze dias?

— Não sei de quem falla, padrinho, e creio mesmo que nunca conheci esse senhor, respondeu o moço um tanto indeciso temendo infidelidade de sua memoria.

— Tens razão quanto ao filho, que bem criança partio para Allemanha, para dedicar-se a vida commercial, mas julgo que não terás esquecido o pai, Luiz de Aguiar?

— Não o esqueci...

— Pois estas duas cartas são de um e de outro, vou lê-las, porque desejo pedir-te alguma cousa a respeito de Julio de Aguiar.

Magalhães leu o que se segue :

« SENHOR.

Incluso a esta vai uma carta de meu pai, que ordenou-me entregar-a pessoalmente, missão que deixo de desempenhar, devido a ignorancia que estou do lugar, em que reside V. S. Espero que me desculpará esta falta superior aos meus desejos e proporcionar-me-ha uma occasião, onde possa apresentar-lhe meus profundos respeitos.

Com toda a estima e consideração

Julio de Aguiar. »

« MEU CARO MAGALHÃES.

O portador d'esta deve ser meu filho a quem conheceste menino e apresento-te hoje com vinte e sete annos, uma boa fortuna e excellente disposição de gozar a vida. Vai á capital assistir as festas do Natal ; e achando favoravel a sua ida para dar-te noticias minhas, aproveito a opportunidade para dirigir-te esta. Julio te visitará por si e por mim ; espero que farás por elle em qualquer circumstancia em que se achar, o que eu mereceria de tua boa amizade. Meus respeitos á familia e como sempre

Teu velho amigo

Luiz de Aguiar. »

Logo que concluiu a leitura, Magalhães virou-se para o affilhado, dizendo-lhe :

— Tu me substituirás na capital junto de Julio e lhe dirás os desejos, que tenho em vê-lo e ser-lhe util em qualquer cousa, que meus prestimos possam servir-lhe.

— Não tenha cuidado, padrinho, amanhã o visitarei e apresentar-lhe-hei seus bons desejos.

O sol que pouco a pouco aquecera, convidava a familia á recolher-se á casa.

O domingo deslizou suave e sereno sem mais pormenores que nos attraia a attenção.

VII

A VIAGEM

Leoncio no dia seguinte ao da sua chegada á capital, fôra cumprir a promessa feita a seu padrinho.

As informações colhidas sobre Julio, derão-o residindo no hotel do Commercio, para onde immediatamente elle dirigio-se a apresentar em nome de Magalhães cordiaes respeitos.

Julio, recebeu-o com toda amabilidade, retribuindo com fineza os expressivos signaes de amizade e sympatia que por intermedio de Leoncio enviava-lhe o velho amigo de seu pai.

A par de seu genio jovial e de sua educação esmerada, Julio possuia bellas qualidades physicas, que por mais indifferente que

se seja á ellas, quando insinuativas, sempre deixão em nosso espirito uma impressão favoravel, fazendo-nos pela maioria das vezes, julgarmos o interior por esse espelho da apparencia tão cheio de imagens mentirosas.

Quando ao retirar-se, Leoncio pedio a seu recommendado para designar o dia que devia apresental-o á sua familia, já elle sentia-se todo attrahido para o moço que soubera inspirar-lhe profunda sympathia.

Ao chegar em casa seu primeiro cuidado foi participar á seu padrinho as occorrencias do dia, em uma carta onde elle vasava com toda a sinceridade de seu leal coração o lisonjeiro juizo que suggerira-lhe a presença de Julio de Aguiar, ao mesmo tempo que prevenia de esperar ambos no primeiro domingo.

Sua promessa relizou-se. . .

No dia designado, um bote deixava as margens da capital voando em direcção do norte, conduzindo os dois jovens.

Ambos apresentavão um singular contraste, que não podemos deixar de traçal-o ainda que seja levemente.

Julio era a belleza varonil em toda sua manifestação, aureolada de uma affabilidade adquirida mais no traquejo social, do que nascida expontaneamente do seu character, suas maneiras mostravão ser anteriormente apuradas no cadinho de severa critica, antes de postas em execução, o que faria um observador reconhecer ser tudo n'elle filho de um estudo especial para agradar e contentar a todos.

Seu rosto alvo e corado estravasando saude por todos os póros, deixava entrever levemente alguns extremos de amor para essa vida material do goso, onde á par do corpo que lodeia-se em uma hora de loucura, tambem gasta-se a alma mais pura n'essa atmosphera abafadiça dos prazeres sensuaes.

Havia alguma cousa de lascivo nos seus traços, e no mais vulgar de seus gestos, que revelava existir uma luta occulta, mas constante, entre sua vontade e sua natureza ardente, sofrega de infrenes desejos.

Se fosse possivel n'um olhar desvendar-se os mysterios da organização humana em seu fôro intimo, talvez que Julio de Aguiar só tivesse aspirações, boiando na agitada superficie de um mar de volupia.

Talvez erremos. . .esperemos no futuro, elle que nos desilluda e desvaneça as apprehensões, nascidas de uma ligeira observação.

Leoncio era totalmente opposto. N'elle a belleza cedia a palma á sympathia que sabia inspirar. Tudo n'elle era natural e espontaneo. A delicadeza e a amabilidade erão irmãs de seu génio, flôres de sua alma, rociadas por sentimentos nobres e elevados.

Diferente de Julio guiava-se mais pelos impulsos do coração cheio de convicções, ainda não retocadas com artificiosos esmaltes, emquanto aquelle, homem do calculo guiava-se pela cabeça onde combinava e dava á vontade uma direcção interessada aos seus projectos.

Leoncio em uma luta entre o dever e a ambição suffocaria esta para salvar aquelle. Em Julio dar-se-hia ao contrario, o ganho de uma causa o arrastaria aos fins sem perguntar pelos meios, embora para isso fosse necessario esmagar, ás rodas do carro de suas paixões desenfreadas, mocidade, nome e honra. Faria tudo, para fruir as delicias de um triumpho ephemero, filho de uma alma orgulhosa.

Leoncio educado na escola dos severos principios de Magalhães, tinha moldado seu espirito de moço em rigida tempera, inaccessivel aos embates da adversidade: seus sentimentos o tornava sobranceiro aos vai-vens d'este mundo tão cheio de decepções.

Seu amor por Georgina vivendo no silencio de seu coração, vegetando no mysterioso sanctuario de sua alma apaixonada, era a prova mais palpitante de respeito e veneração, votada á religião do dever, e, que por uma altiva susceptibilidade elle fazia o inaudito sacrificio de uma abnegação heroica.

Taes são os dois homens, que sentados nos bancos da popa do bote, que singra a formosa bahia, conversão com a intimidade natural á mocidade.

— Creia, Sr. Leoncio, não me inspira a vaidade, dizia Julio continuando uma conversação encetada na partida, mas descesseis annos de peregrinação pelo mundo, derão-me uma tal experiencia, que difficulosamente se adquire aos sessenta no seio da vida tranquilla da familia. As viagens tem sido os melhores mestres de minha educação, n'ellas habituei meus labios a beber de todos os vinhos, como acostumei meu estomago á todos os manjares; n'ellas foi onde aprendi a olhar a humanidade, não por esse prisma de côres diamantinas, que o facina, mas sim pelo lado real, que mostrei-lhe ainda a pouco, bastante coherente com o seculo positivo, que atravessamos. . .

— A sociedade, interrompeu Leoncio, na sua opinião não é mais do que. . .

— Esse Jano do paganismo, concluiu Julio, com duas faces, uma boa para lisongear a credulidade dos tolos, outra má para intimidar a fraqueza dos timidos. . . Esta fabula, engenhosa superstição da phantasia dos antigos serve brillantemente para caracterisar a physionomia saliente das sociedades modernas.

Antigamente a virtude era ouro, hoje o ouro é virtude; isso revela apenas que o tempo civilisado reformador condemna esse

passado esteril e aprecia o presente tão promettedor de grandes concepções, que deverão no juizo dos vindouros, nullificar para sempre a supremacia de algumas palavras, que tambem já tiverão sua grandeza e admiração entre os homens.

Actualmente o dominio da virtude está no seu occaso, e o do dinheiro no zenith . . . Tentar impedir o occaso de um e anniquillar o zenith do outro, é querer lutar com um — impossivel.

— Não faça tal, Sr. Leoncio, a humanidade tem seus vicios, que devemos respeitar, porque a perfeição é uma utopia, e aceite meu conselho em não — ser tão indifferente para com o *rei do mundo*.

— Não comprehendeu-me, Sr. Julio, replicou Leoncio abalado pela linguagem de seu competidor, não condemno o oiro licitamente ganho pelo trabalho, nem maldigo a sociedade que o festeja; nego apenas á opulencia o direito de insultar á miseria, e ao dinheiro, metal que passa por todas as mãos, enxovalhar a virtude, que nem todos podem gabar-se de possuil-a; esta é uma fortuna, que só Deus concede ao homem, aquella dá-nos o acaso e a maioria das vezes o pouco escrupulo nos meios de adquiril-a.

— Não concordo . . . Antes de tudo peço-lhe, que não me tome por aquelle anjo máo, que o vulgo baptisou por Satanaz e que um dia, como nos contão as tradicções biblicas, levou Christo sobre o cimo de uma montanha, mostrando-lhe immensos reinos para com elles abalar a fé do heróe do christianismo e seduzil-o, convertendo-o em instrumento de seus fins ignobeis em troca de um ephemero poder . . . Não . . . não me tome por tal, continuou sorrindo-se Julio, mas ouça minhas palavras com o devido merecimento, que impõe a minha mocidade experimentada em longas e laboriosas investigações feitas em mais de um povo e na acurada observação de dois homens de dois continentes . . . O homem civilisado é sempre o mesmo, quer ao sol d'este hemispherio ou d'aquelle, e se um ou outro costume local os separa, as mesmas aspirações e os mesmos fins os une pelo pensamento, no arraial do trabalho, na romaria do progresso, na conquista e triumpho do bello. E o homem no seu labutar constante só corre em busca de seu bem estar, após os passos d'essa deusa phantastica, que se chama — felicidade — e que milhões de adoradores a procurão sem jamais encontrarem n'a; transformando-se a cada momento, divinizada debaixo de mais de uma fórmula, como essa deusa mythologica, uma só na essencia e triplice na fórmula, e que pelo paganismo era venerada por Phebéa no céu, Diana na terra e Hecate nos infernos . . .

— Condemnar que o homem busque seu bem-estar social, disse Leoncio, é obrigar-o ao supplicio de Tantalo, sentir sede e não poder sacial-a, quando um rio passa-lhe junto dos labios.

— Nem eu o condemno, Sr. Leoncio, mas o bem-estar não se encontra no lar do pobre, lutando com a miseria, que trabalha não por amor, mas por imperiosa necessidade, e cujo capital é sua vida, de dia em dia perdendo uma parte de seu valor real, roubado pelos annos que vão envelhecendo-o e inutilizando-o : já vê. . .

— Vejo agora, que o senhor, chama bem-estar á ociosidade, que anniquilla o corpo e atrophia a alma, e ao trabalho, parte integrante de nossa existencia, considera como — uma miseria de nossa natureza !!

— Não considero tal. . . O trabalho moderado, regulado pelas forças physicas de cada individuo é vida, mas seria necessario, que todo o homem podesse satisfazer com os fructos de seu labor todos os compromissos, que lhe peção e que nem sempre achão-se repartidos com igualdade e em proporção das forças de cada um. O pai de numerosa prole trabalha duplamente, mais do que o chefe de uma pequena : onde houver essa desigualdade e desequilibrio de forças, não pode existir satisfação completa. . . . Repito é mais facil encontrar-se a felicidade n'um palacio habitado pelo deus Plutus, do que achal-a no lar de uma choupana visitada pela fome e a nudez.

— E n'isso quer que eu reconheça a supremacia do oiro, como a unica panacéa possivel, para conceder uma existencia feliz aqui na terra, não é assim? interrogou Leoncio.

— Não sou tão exigente, aconselho-lhe apenas; para anniquillar em sua phantasia de moço inexperiente estas perniciosas chiméras, digo lhe que dê ao dinheiro o valor real que elle tem na vida pratica. O mundo assim marcha, tão positivo como a boca de um bacamarte, acitemol-o como está constituido e não como devia sel-o; assim vivemos no tempo actual; com seu modo de vida devemos identificar-nos.

— De mãos dadas com seus erros e vicios?

— Sim, Sr. Leoncio, e o futuro lhe dirá qual de nós falla com a razão nos labios.

A conversação proseguio com alternativas de parte a parte, e onde cada um dos contendores no callor da discussão, deixava entrever atravez a gaze mysteriosa, que envolve a alma humana, as faces mais salientes de seu character.

E a tudo isto o bote corria rasgando as cerulas ondas ao impulso vigoroso de quatro remos de voga.

Continúa.

FEITIÇO D'UNS BE'JUS

(ROMANCE)

Porém o celebre rapazola não bateu azas sem grande espalhato por parte da familia.

O vendelhão correu a um professor publico d'esta cidade, secretario de Bocage, muito conhecido e afamado desde a Cadeia aos Moinhos de Vento, desde a Dóca a Belém, autor de dois sonetos contra Mahomet por causa de uma prohibição do Korão, e pagou-lhe para fazer um annuncio de despedida e um apedido panegyrico sobre os talentos do Zacharias.

Eis o annuncio :

« Zacharias Joaquim Francisco Guahyba, indo completar sua educação moral e intellectual na nunca assaz louvada academia de S. Paulo, pede desculpa a todos os seus amigos e familias de suas relações, pelo involuntario pezar que lhes causa, partindo sem ir pessoalmente dar o aperto de mão da despedida ; falta, fiquem certos, proveniente de motivos acima de toda a apreciação. Não dirá, no entretanto, e assegura aos ditos amigos e ás ditas familias, como Bias: *Omnia mecum porto*; porque deixa aqui nas praias de sua terra natal pedaços de uma alma dilacerada pela saudade.

« E na dita cidade de S. Paulo o encontrarão sempre pronto a cumprir suas menores ordens. *« Amicus certus in re incerta cernitur. »*

« Vale. »

O a pedido encomiastico feito pelo mercenario das lettras e

publicado *ipsis verbis* em todos os jornaes da terra, achava-se assim concebido :

« Hontem deixou as plagas porto-alegrenses o intelligente moço Zacharias Joaquim Francisco Guahyba, um d'esses talentos, a que, sem exagero, sempre se póde applicar a phrase virgiliana : *rareis nantes in gurgite vasto*. Foi á S. Paulo a devassar os mysterios de Cujacio, e em breve tel-o-hemos para gloria d'esta terra, realizando o dito : *Maior sum quam cui possit fortuna nocere*.

« Sua modestia não se offenda com a indiscrição d'um amigo que soube sempre consideral-o, e que, se conhece o preceito de Epicuro : *Bene qui latuit*, tambem conhece a sua não realisação entre nós.

« Galernas auras o levem, como tão depressa o tragão.

« *Um dos seus admiradores.* »

Esperidião gostou tanto do annuncio, como do apedido, e abriu a gaveta sem restricções ao escriptor regio, que atirou á publicidade o badulaque litterario.

O que mais deu-lhe no goto, comtudo, foi o latim.

Quando olhava para o griphado da citação, a face larga e ro-tunda achatava n'um riso da mais crassa satisfação alvar.

O latim para o homem era tudo pelo facto mesmo de não entêdel-o.

IX

AMOR E POESIA

André em sua carta sobre o Chico Caipóra elucidou-nos ligeiramente sobre a excentricidade de seu genio.

Vamos ajuntar mais algumas palavras sobre a tenacidade de que era elle dotado debaixo da influencia da lembrança de Ignezita, e como a maldade de Zacharias não respeitava nem os amuletos d'uma veneranda e augusta velhice.

Francisco Vieira, depois de alguns annos em que sua alma sincera e pura gemia sob o dominio d'uma saudade, que, em vez de diminuir, augmentava com o correr do tempo, refocillava mais n'um amor impossivel, insano, separado para sempre do mundo

por uma singela cruz de madeira, procurou em seus pensamentos o remedio áquella anciedade afflictiva.

O acaso ou o fatal itinerario que o dirigia na vida, fizeram-n'ó um dia passar pela casa d'um scenographo, que preparava os bastidores e pannos para o theatrinho da rua de Bragança, hoje transformado no templo de S. José. As portas da officina estavam abertas, e elle poude entrar e pedir licença para examinar a bel prazer os trabalhos já adiantados. Esteve em longa contemplação, e, antes de sahir se informou minuciosamente sobre a pintura, suas difficuldades, o tempo necessario para vencel-as, os meios e instrumentos proprios para estudar e tirar resultados, questões ás quaes o artista respondeu explicita e lisongeiramente.

Quando sahio, levava a receita para curar as saudades de Ignezita.

Os olhos dizião tudo ! Os olhos límpidos e serenos, onde a alma reflectia-se, como nos lageados da Vaccaria uma tarde de outomno, quando as aguas dormem e parecem vitrificadas, espe lhando o azul diaphano do ambiente e uma ou outra arvore das orlas ; quando o sabiá desprende o melodioso carme repassado de melancolica doçura que não é da terra ! Aquelles olhos tão santos, tão placidos, tão bellos como a virtude, tão venerandos como a velhice que não atufou as cans nos tremedacs do mundo, globos de crystal jámais empanados ao bafó do vicio, amphoras, onde o amor de dia em dia apurava até o momento de, desarraigando-se da materia, immerger no seio de Deus, onde Ignezita sorria, afagando-o ao trepidar das azas seraphicas . . . aquelles olhos transparecião a mais suave radiação, como a luz atravez da jarra de alabastro ! . . .

Asceta sublime que era Francisco Vieira !

Descubrira o segredo de viver ao lado de Ignezita, e não morria de alegria como Chilon, nem deitava a correr pelas ruas como Archimedes !

Seu jubilo tinha a expressão divina que elle vira em sonhos derramar-se pelas feições mimosas da amante rodeada do celeste côro.

Sahindo de casa do scenographo, qual pois a idéa luminosa que cruzou-lhe a mente ?

Tirar o retrato de Ignezita.

Como ? ! Se a morte fizera desapparecer o'gracioso perfil, sem deixar ao menos ligeira copia ? Se elle desconhecia a minima regra de desenho ?

Havia, sim, alguma coisa de mais perduravel que a téla e o daguerreotypo, o porphido e o bronze, onde se gravasse a imagem da innocente menina : o coração do homem que a amava, transformado n'um templo, resumido n'um só affecto, tendo uma

só religião e um só idolo, em cujo rostinho scintillante de candura e belleza, de mocidade e amor, o sacerdote não conseguira jámais separar o culto do creador e da creatura; pois Deus e Ignezita para Francisco Vieira crão um mysterio, um dogma de fé.

Havia tambem um dezenhista, porque havia uma vontade de ferro e o dominio de uma unica ideia, condições estas para levar-se a effeito até a mais complicada concepção.

Como procedeu elle?

Comprou lapis e creions para encetar o trabalho e consagrou quatro horas no dia ao estudo.

Quantas difficuldades a superar!

Elle que jámais pudera esboçar nem sequer grotescamente a mais insignificante figura, a despeito de tentativas, ver-se tão de subito a braços com uma arte em que ia reviver Debutade!

A energia do character, porém, ia vencer a rudez, amannhar o gosto refractario, e produzir quem sabe um prodigio.

Estreou por fazer linhas de todas as sortes, sem auxilio de instrumento. O ensaio foi um verdadeiro supplicio. Traçava ao principio uma recta, e sabia uma evoluta; uma curva e pulava um esguicho! E lá ia o miolo de pão extinguir a enormidade! E isto tantas vezes que expendeu dois estirados mezes na ardua tarefa.

Afinal a difficuldade dos lineamentos desapareceu e procurou elle experimentar-se na cópia de qualquer objecto de facil contorno. Um telheiro foi o modelo escolhido.

O que surgio, porém?

Um singular engrimanco, uma especie de vereador do velho senado, de chapéo armado, espadim e calções.

Chico sorrio ao encarar o monstro:

— E' da veréança, não ha duvida! murmurou.

Não desanimou com o novo contratempo, e cil-o a raspar o creion para estrezir o desenho e assim alcançar não só a firmeza e flexibilidade da mão e segurança da vista, como adquirir por meio de aturado exercicio este sexto sentido que preside aos fructos da arte, tacto melindroso do talento que palpa o ideal e imprime o raio do bello, que adevinha e presente a perfeição e a faz transparecer atravez diaphaua estomilha, corrigindo a natureza ou antes approximando-a do archétypo divino.

Os obstaculos não o acabrunhavão, lhe trazião ao contrario recrudescencias de enthusiasmo.

Foi um insano trabalho de todos os dias, longas semanas, mezes após mezes, emfim de dez annos, até que desbravasse a tempera rebelde e bronca! Desde o tenue risco ao debuxo complexo da estrezadura e trasfolecamento á esfumação, e d'esta á pintura

com tintas, dez annos decorrerão, cahirão no abysmo do tempo, sem vislumbre manifesto de attingir aos fins que buscava!

O cansaço e o tédio o não detiverão em caminho!

Sua casa transformou-se n'uma verdadeira officina. A meza de janta ostentava taboas em fôrma de quadro, onde em folhas de papel prezas por pingalhetes nas quinas, via-se, ora o esboço, ora o trabalho executado a fumo, ora a aquarella.

Mesmo alguns tentamens a graphio surdião aqui e ali. Lapis de differentes côres, esfuminhos, tintas, moletas, pinceis resaltavam promiscuamente aos olhos.

Para reproduzir a figura aerea de Ignezita como elle a tinha na mente, como a vira no curto praso da ventura e a conservava na lembrança embellecida pela santidade do amor, por sua immaculada innocencia, e breve vida de anjo, fizeram-se mil bosques, dependeu-se incalculavel somma de esforços e tempo.

E não cansava!

Era o retrato de Ignezita a oleo, o que elle queria, de Ignezita na flôr da idade, alva como o lirio, com uns olhos que reflectião o céo; de Ignezita que amava-o e ao vel-o sentia á face subir a onda do rubor, e tartamudeava uma phrase sem sentido que expirava no labio semelhante ao purpureo botão da cangirana abrindo aos primeiros raios da manhã; de Ignezita trajando o vestidinho de chita côr de rosa, com o lenço traçado no collo e duas abundantes tranças calidas sobre a espadua; emfim de Ignezita como elle a contemplára absorto, como a admirára n'aquelle dia, em que, encontrando-a pela primeira vez na fonte, ella lhe dissera concisa: Falle a pápai! . . .

O que era pois para Francisco Vieira o labor constante, a fadiga não interrompida em tão longo espaço? Não fôra a esvelta e timida criança sua aurora de amor, não fôra ella quem lhe descortinára infinitos mundos da paixão e destruiu com sua influencia doce e seraphica máos germens da indole?

E não fôra talvez elle o motor de sua morte tão prematura, envolvendo-a na rede do destino fatal que o perseguia sem treagoas, quando ainda menina, lindo colibri a esvoaçar entre flores, a espanjar a pluma ao sol da primavera, sentio o coração soluçar dentro do peito a um sentimento ignoto e mysterioso, á consciencia de que era mulher?

O' tudo que fizesse era pouco para recordal-a!

A's vezes na intensidade do affecto tornava-se tão egoista, que trocára não só a terra, mas o universo inteiro para tel-a a seu lado. Porém a bondade natural, que o caracterisava repellia logo semelhantes velleidades e n'uma prece mental pedia perdão á imagem invisivel de seu culto pelo sonho peccaminoso que lhe occupára o pensamento.

Ah! amores santos, ainda redolentes da campeзина fragrança do *Porto dos Casaes*, quando a mimosa filha do Gualhyba não dobrava a fronte em scismas embeberadas da luxuria e calculo que maculão os mais puros sentimentos, e quando tudo era simples e insonte como o bombilio a volitar sobre o corymbo olente, como a flôr do aguapé a abrir na superficie das aguas e o tremouço a engrajar o vargado! Ah! castos amores dos outros tempos, placidas recordações da mocidade, bem merecieis o affã de Francisco Vieira!

E não cansava, embora lhe encanecesse a fronte!

Vinte annos decorrerão.

E' uma bella manhã.

Eil-o com o semblante banhado na onda argentea do diluculo da terra e na luz de jubilos intimos; parecia relevar d'uma illuminura e ter rejuvenecido em regiões empyreas.

E' que sobraçava a palheta, munia-se do tento e pincel, estava diante da tela, d'onde ia surgir Ignezita do calice de sua phantasia, como a divindade braminica da flor do loto ou uma d'essas creações delicadas de Andersen.

Dada a imprimadura, sobre a qual campira o fundo do quadro com uns laivos de paysagem, começou o gizamento da figura vaporosa da linda moça.

O entusiasmo fel-o esquecer tudo. Desde ás seis da manhã ás seis da tarde não deteve o braço por um instante; o pincel tinha a febre da inspiração. Talvez a idéa de comer lhe passasse pela mente como um sacrilegio.

Tres dias depois estava terminada a obra.

Francisco Vieira com os olhos a instillarem gotta a gotta lagrimas de alegria, em frente do painel exclamava n'um illapso divino:

-- E' ella! E' ella mesmo! Não morreste, Ignezita!

E curvava o joelho á funda emoção.

X

DA VENDA Á DELEGACIA DE POLICIA

Chico Caipóra preparou um quarto em sua modesta casinha para o retrato de Ignezita. Era como um singelo oratorio ou capella erigida pelo culto férvido d'uma religião. Nem lhe faltava o orago. Porém nada vislumbrava de nossas igrejas, onde a par dos excessos da decoração do damasco em competencia com a cocho-

nilha e o múrice, com os galões e lentejoulas, vem-se perfilar toscos artefactos de madeira, quasi sempre vindos da Bahia, sem ao menos destacarem pela belleza da estatuaria.

A imagem de Ignezita formava o retabolo.

E mais nada. E isto mesmo simples, d'esta simplicidade que encanta e prende.

O caio recente das paredes alvejava á luz que entrava em borbotões por duas vidraças.

Ali o bom velho meditava todos os dias, aspirando a athmosfera lustral d'aquelle pequeno mundo, que elle creára para si, apartado do bulicio da sociedade, oazis de ventura e poesia, de santidade e amor, onde realizava um sonho de Platão.

A maior festa para Francisco Vieira tinha lugar na primavera. Então ia pelos campos colher a roxa jurujuba, as campanulas de todos os matizes, as boninas, e trazia-as para ennastrar o painel.

Desprezava o seu pequeno jardim e preferia as filhas dás varzeas por uma delicadeza que mal se póde apreciar.

Seria para symbolisar a vida de Ignezita que teve o berço e o tumulo no seio da natureza, entre as galas agrestes ?

Não o sabemos.

O que todos vião, era, na quadra em que o minuano cala o lamento sinistro, e a curruira gazeia o canto da matina, ño tempo das aguas e das flores, elle, arredio da cidade quasi durante todo o dia, voltar pela tarde, vergando ao peso de grinaldas e ramalhetes.

Quem podia deixar de amar coração tão sincero, character tão sympathico ?

Quem procuraria prejudicar o venerando ancião, que revivia no presente o seu passado aureolado de pureza ?

Esperidião e sua familia, sobretudo o filho, rebento spurio d'uma educação viciosa e dos máos exemplos.

Não contando os vidros espedaçados, as garatujas traçadas no muro, o que é facil de desculpar n'uma criança, temos os trotes que á vista do proprio pai soffria Francisco Vieira.

A ogerisa do taberneiro datava de longe por o visinho nunca ter comprado em sua casa ; Pulcheria sobrepujava ao marido em seu ressentimento e não havia epitheto affrontoso que ella não ligasse ao nome de Francisco. Ambos inocularão no filho o virus de seus rancores e odios, e o pimpolho excedia-os a perder de vista.

E o bom homem supportava tudo, desde o pequeno Zacharias até ao bem fallante do papagaio, sem pronunciar uma palavra de desforço. A visinhança que o acatava não só por seus annos, como por suas nobres qualidades, é que ás vezes corria a dar uma

lição ao menino malcriado nas bochechas do proprio pai, o que não deixou de trazer frequentes conflictos.

O maldito rapaz, porém, não moderava as insolencias e diabruras, e para estímulo tinha a risada bombastica e interminavel de Esperidião e os rechonchudos abraços de Pulcheria. Apenas via elle assomar Francisco Vieira e eil-o a bater como um desesperado n'umã caixa de folha, cantarolando com toda a força dos pulmões :

Bico, bico, sorobico,
Quem te deu tamanho bico?
Foi a velha chocalheira,
Que anda lá pela ribeira
Atraz de ovos de perdiz,
Para a filha do juiz.

Não fazia móssa no animo fleugmatico e caridoso do velho, que ia avante em seu caminho, com ar imperturbavel e ás vezes um ligeiro sorriso de complacencia.

A ultima travessura é que veio desconcertal-o, e pôl-o por ventura no primeiro e maior accesso de colera de sua vida.

Zacharias ha muito espreitava occasião propicia para entrar-lhe em casa. Nada havia conseguido, apesar de mil tentativas todas sempre frustadas.

Afinal um dia vendo as duas vidraças descidas, sungou-se por ellas e deixou-se cahir dentro da sala. Ahi com a maior precaução vai até a alcova, atravessa-a sem encontrar signal de viva alma, entra na varanda e pela janella descobre o velho no fundo do quintal entretido com suas plantas. Respira e começa o exame do lugar com o maior sangue frio.

Notando uma porta ao lado da varanda abre-a e fica estatelado ante o quadro de Ignezita. O pasmo foi de pouca dura. Logo uma inspiração infernal cruza-lhe a mente. Vira na passagem pela alcova uma lata de graixa de lustrar e uma escova junto. N'um momento foi buscal-as e galgando o altar em que estava o retrato, começou a borrar o com desapiedada sanha. Em menos de dois minutos o trabalho que custára vinte annos de inaudito e assiduo empenho, o talismã precioso do passado, a poesia e a religião de Francisco Vieira, não erão mais que uma negra cataplasma.

A profanação seria mais completa, se o apparecimento do dono da casa, cujos passos já resoavão, não viesse impedil-o. Zacharias estava tão distrahido, que, quando quiz fugir, era tarde. Occultou-se atraz d'uma mesinha.

Chico Caipóra admirado de encontrar aberta a porta do quar-

to, encaminha-se para lá, entra e apenas teve tempo de soltar uma profunda exclamação ante o estrago, porque simultaneamente sentio um turbilhão que passou junto a si como a corrida de uma anta no mato.

Era o rapaz que n'um relampago attingio á sala e d'um formidavel pulo esteve na rua. Porém, como prova do delicto, deixou o boné.

Quem pudera pintar a angustia do bom velho? Pela primeira vez o fel do odio embeberou-lhe as fibras do peito. Por pouco não cahio fulminado. Durante uma hora sobreestive immovel e em muda contemplação diante das ruinas de vinte annos de trabalho.

Na tarde d'esse dia Esperedião e o filho comparecião em casa do delegado de policia. Numeroso concurso ahi acompanhou Francisco Vieira.

— Sr. Esperidião, disse a autoridade, depois de ter ouvido a queixa verbal, o que tem a responder?

— E' mentira! E' caduquice d'um velho! Meu filho é uma innocente criança.

Houve uma explosão.

— E' um perdido! E' um patife! Um malevolo, um demonio como o pai! rugirão uma porção de vozes.

— Matou um cão de minha estima.

— Quebrou as pernas ás gallinhas de meu quintal.

— Eu o vi depennar um ticotico vivo.

— E' raro o dia em que não toma da funda para apedrejar as janellas dos visinhos.

— Passa rasteiras em todos os pequenos que atravessão a rua, deixando-os sempre bem maltratados.

— Insulta a todo o mundo.

— Tem coisas só do tinhoso.

— E o cachorro do pai bate palmas a tudo isto.

— Silencio! gritára o homem da lei a revêzes, sem ter sido attendido, até que esgotarão os pontos de queixa.

— Sr. delegado, interpoz Francisco Vieira, eu seria incapaz de levantar aleives contra um homem...

— E' verdade! N'esta terra não ha melhor, nem mais pacifico cidadão.

— ...quanto mais contra uma criança! Nem trago a queixa contra esta, é contra o pai.

— E' mentira regougou Esperedião com voz de stentor. E' mentira, repito.

— Aqui tem a prova, Sr. delegado, e apresentou o boné.

— Nós vimos o menino saltar a janella de dentro de casa,

disserão uma senhora idosa e sua filha que vinhão espontaneamente depôr como testemunhas.

— Intrigas! Entremez! insistia o taberneiro esfregando as mãos e lançando olhares de raiva sobre os circumstantes.

— Qual intrigas, nem entremez! exclamou um moço aproximando-se de Esperedião com gesto ameaçador. Ha de a gente estar aqui ouvindo chalaças e desaforos contra as pessoas de bem... Sr. delegado, o que este homem e o filho são, ninguem disse ainda bem. Eu affianço, debaixo de palavra, que na cadeia ha individuos de melhor condição.

Applausos cobrirão o discurso do improvisado orador.

O delegado difficilmente poudes conter a ordem.

— Emfim, disse elle, quando vio restabelecido o silencio, Sr. Esperedião, é preciso resarcir o damno causado.

— Não peço indemnisação alguma, interveio Francisco Vieira, quero só que me deixem tranquillo em minha casa. E accrescentou com a voz embargada e os olhos arrazados de lagrimas: E depois o prejuizo que soffri, no mundo nada pôde resarcil-o!

— Pois bem, continuou a autoridade, o Sr. Esperedião, deve ao menos concordar que a educação que dá ao filho é pessima, requer um paradeiro... senão ver-se-ha sempre em serios embaraços. Com outro homem, que não o Sr. Francisco Vieira, o negocio estaria em outro pé, e ia mal, lhe asseguro.

O taberneiro sahio corrido, e por uma semana ninguem o vio na porta da venda em mangas de camisa, como era de costume.

Francisco foi restaurar a pintura de sacrilegiô que soffre-ra, o que nunca perdoou a Zacharias. Eis porque posteriormente, quando André Dias teve occasião de zurzil-o, o velho foi ao encontro do bravo moço, e ao offerecer-lhe sua amizade, sellava-a com o mais enthusiastico amplexo.

XI

O ANJO E OS DEMONIOS

O Sr. Esperedião tinha uma pupilla, que na epocha d'esta historia contava já suas dezeseite primaveras.

Chamava-se Josephina.

Viera para seu poder, quando apenas tinha nove annos.

Eis como foi.

Manoel de Moraes, rico estancieiro, viuvo cedo e morador nas margens do Ibicuy, soffrendo d'uma hepatite que não cedia aos recursos medicos do lugar, vendeu tudo que possuia, e veio procurar a cura da inveterada enfermidade em Porto Alegre.

Como tinha ali sómente Esperedião, a quem conhecera na fronteira em uma viagem, e quem então fornecia-lhe do que necessitava na estancia, escreveu-lhe de antemão para que preparasse uma casa com todas as commodidades, tanto para elle como para a filhinha que o acompãuhava.

O taberneiro affanou-se, e conhecendo as posses de Manoel de Moraes, fez o que era humanamente possivel.

O estancieiro, maravilhado da boa vontade e serviços de Esperidião, devotou-lhe desde logo sincera e profunda amisade. A viagem tendo augmentado seus soffrimentos, apenas chegado procurou o leito, d'onde nunca mais devia erguer-se.

Pulcheria e o marido não o desamparavão um só instante. Urubús — fariscavão a carniça. Adevinhavão os pensamentos do doente, se sujeitavão ao menor de seus desejos, que, manifestados, erão preenchidos com uma presteza que podia fazer crer em dedicação á humanidade, se não fosse sordido interesse!

Quantas vezes o proprio vicio não arreia as candidas vestes da virtude e não parece identificado com ella? Quantas não illaquêa, e assim acubertado, não chega a illudir ao mais experimentado e fino tacto?

Ha tantos Tartufos e Cubins no mundo!

Ha pontos e momentos, como n'este caso, em que o vicio e a virtude se confundera de tal modo que resistirão á mais subtil analyse, admittida ainda a hypothese de que alguém a pudesse tentar.

Dois mezes durarão os soffrimentos de Moraes.

Morrendo, deixou Josephina sob a tutella de Esperidião.

— Meu amigo, disse elle, morro tranquillo, porque minha filha perde um pai, mas acha um outro em ti. A Providencia vela sobre os innocentes.

Ainda quero fazer um pedido, deixo-te dez contos. como . . .

— O' isso, não! Não consinto, meu amigo, que dispa sua filha para vestir o alheio. Isso não, não consinto nem que queira . . .

— Cala-te, quero que tenhas uma lembrança minha, meu bom e verdadeiro amigo.

Não queres então que eu tenha ao menos uma morte serena?

— Meu Deus! Perdôa, meu amigo, perdôa . . . Eu sou um miseravel em affligir-te!

— Aceitas?

— Aceito, aceito . . .

Moraes apertou-lhe a mão com emoção, voltou o rosto para a parede e expirou.

O' como não soffreste, Moraes, se ao transpor os umbraes do mundo para a eternidade, foi-te dado devassar a negridão d'alma d'um bodegueiro!

O Sr. Esperidião e a Sra. Pulcheria com uma pupilla de oitenta e tantos contos abrirão caminho a largos raciocinios. A elasticidade moral do marido e os tegumentos abdominaes da esposa erão proprios a proveitosas absorpções.

Pensárão muito; fizerão mil castellos e os desfizerão á proporção que os ião construindo.

— Hein, mulher?!

— Deve ficar em casa, digo. Olha que oitenta e seis contos trezentos e nove mil quatro centos reis...

— Deve, não ha duvida, deve...

— Deve, estou a repetir-te ha duas horas. Mas como?

— Como!? Deve ficar...

— Alto! que não é assim com estas facilidades... E ponderou: Não sei mesmo para que inventarão juizes de orphãos!

— Quem inventou isto, homem?

— Quem?! Está-me parecendo que foi o Pedro Segundo.

— Tinhoso!... Esconde ao menos a metade.

— O' Pulcheria de minha alma, queres que teu Esperidião vá parar no chilindró?

O taberneiro fallou em alma por uma arrojada metaphora.

Elle proseguio depois de breve pausa:

— Se com o tempo pudesse debital-a em meus livros!...

— Faz; se eu não fosse mulher, verias.

— Se eu não fosse tutor!... Parafusa, minha flor, parafusa, talvez dêes no furo.

— Já estou a suar, como ferreiro em forja.

— Ora, quem não sua? Diz alguma coisa, porque o dinheiro não sahe, repito.

— Ouve, e murmurou baixinho: Se dêssemos cabo da pequena? Hein? Quem lá sabia?!

— Arre lá, mulher com tuas ideias,, arre lá!

— Então não me ageito... Estou a te empurrar, a te empurrar, e tu com ares de lobishomem! Parafusa sósinho.

— Vem cá, sósinho nem com os diabos arranjo a festa! Vem, assucar de meu coração.

N'esta situação melindrosa entre as duas metades d'um matrimonio, o pequeno Zacharias barafustou por um corredor, arrastando por um cordel um pobre cão, que com o pescoço apertado pelo laço, já punha a lingua de fóra.

— Este rapaz, exclamou a Sra. Pulcheria, o detendo com um

grosso abraço. Deixa o cachorro. Pensas que todo o mundo nasceu para soffrer teus caprichos de rei?

— Deixa, mãe; eu vou enforcal-o na parreira do pateo.

— Enforcal-o?

— Sim.

— Que te fez elle?

— O que fez!?... Fez...

— O que?

— Pois o Credor, (nome com que o Sr. Esperedião baptisára o animal) não quiz andar em pé, como gente. Estive tanto tempo a ensinar e embirrou. Hoje queria que elle fizesse como o Chico Caipóra, e o mesmo, o mesmo, mãe!

— Elle não sabe, menino, o que tu queres.

— Eu quero enforcar o Credor, eu quero, eu quero...

— Não quero, te disse... Estimo o animalzinho.

O Zacharias juntou os dois pés e começou com phrenesi a bater no soalho, como vaquetas em tambor, acompanhando o rufo de uns guinchos como notas desafinadas de pifaro.

O pai foi ameigal-o, e disse:

— Vai enforcal-o, filhinho, é um credor, basta.

O rapaz sahio dando pulos de alegria.

A Sra. Pulcheria sacudio o corpazil como uma baleia raba-neando:

— Ah! Sr. Esperedião! Sr. Esperedião! N'esse andar o menino acaba por enforcar-nos tambem. Façaõ-se-lhe as vontades, mas nem tanto!...

— O' mulher de minhas entranhas! Deixa-o fazer. Pelo de-do se conhece o gigante. O pequeno vai sahir de truz. Não vês? Que criança ahi tem coragem de matar um cachorro? Nenhuma, são todas fraquinhas, tem medo, não sabem o que são actos de energia.

O taberneiro que tinha os instinctos do mal, sem a mais leve intuição do bem, chamava á ferocidade de Zacharias de: actos de energia.

A Sra. Pulcheria, que lhe ouvira o aranzel em attitude de quem medita, de repente deu um salto e suspendeu-se ao pescoço taurino do marido.

— Descubri! Descubri!

— Tu me affogas, mulher! Uff! Uff! Que é isto? Tens o demonio no corpo? Uff! Estás com o miolo virado? Uff! Uff!

— Descubri!

— O que?

— Adevinha.

— Não sou Deus...

Consintão que falle de Deus um Esperidião.

— O dinheiro de Josephina fica em casa.

— Ora ! n'esta estou eu. O custoso é como havemos de fazer.

— Eu descubri, homem.

— Descubriste ? !

— Sim.

— Conta que estou a sentir o estomago á garganta.

— Foi o nosso Zacharias que trouxe a ideia. Só por isto consinto que elle enforque o Credor.

-- Desembuxa d'uma vez.

— Casamos o Zacharias com a Josephina.

— Upa ! Que ideia milagrosa ! E pespegou formidavel murro na testa. O' besta que sou ! Coisa tão facil de desatar e eu apoquentando o juizo ! E tu és meu archote em tudo, Pulcheria minha, Pulcheria formosa, Pulcheria, meus delcites, minha cabeça !...

E abraçava a tão roliça metade, abraçava com delirio, e afinal ambos rodavão no meio da casa, como duas bacchantes, como duas trombas marinhas no meio do oceano, como dois demonios em noite de sabbath !

— Que ideia ! Foi Deus quem inspirou.

Ainda Deus servindo a seus tórpes interesses !

— Ah ! meu Zacharias, que felicidade !

E bem meia hora estrebucharão de riso.

O problema estava resolvido com satisfação de todos, salvo a innocente Josephina, que, embora criança, retirada a seu quarto curtia saudades do bom pai que perdera, sem sequer imaginar que tramavão contra seus dias de moça e sua missão de mulher.

Nem que os ouvisse, pudera então comprehendel-os. A alma da infancia, pura como um raio celeste, não mergulha nos paues da terra, adeja á face do Senhor.

Ambos os consortes pois resolverão fazer progredir os cabedacs da pupilla, educal-a com sollicitude para que fosse digna de esposar o futuro doutor.

Continúa.

IRIEMA.

VIRGEM

STELLA MATUTINA

O sol remoça a terra, as plantas se entrelação,
Aos canticos d'aurora : — em arvores frondosas
Pepillão avesinhas; tremulas se abração
As rosas á magnolia, a magnolia ás rosas.

Em lagrimas fecundas o ribeiro chora,
Por meio dos sylvados, — canta a viração !
Em nuvens iriantes pudibunda aurora —
Entorna do seu peito a seiva á creação.

As perolas partidas do orvalhar gelado
Escondem-se na gleba; eleva-se a harmonia !
De rubra luz se innunda o mundo despertado !
Nos páramos do oriente vem saltando o dia.

O insecto morde a relva, a relva enlanguecida
Da madrugada aos beijos cuida resurgir...
No palmeiral sombrio uma ave mal ferida
Ao sol, á luz, á vida tenta inda sorrir !

E Deus ? No azul pairando de anjos rodeado
Contempla o homem rindo, e affaga a creação !
E o mundo nesse achego subito animado
Irrita-se, prosterna-se e vai beijar-lhe a mão.

Os rios, suor puro, da viva natureza
Estacão, ao seu mando, ou lançaõ-se no mar :
E' a vaga que respeita a margem indefeza
E' a mesma que nas rochas uiva a bravejar.

Dos risos da manhã, das lagrimas da aurora
Formou Deus a mulher : as flôres se curvarão !
Quem ri-se aos nossos risos ? quem connosco chora ?
Quem dá vida e calor aos labios que esfriarão ?

E' ella. A garça branca em mares cõr de rosa
As enrugadas ondas n'um meneio affaga !
E como a garça, pura, docil, graciosa,
Recebe em innocencia o que em caricias paga.

Na loira primavera ao desprender das tranças
Das arvores pendidas a mulher suspira ;
O anjo lhe desfolha um ramo de esperanças ;
O céu é côr de leite o mar côr de saphyra ;

A seducção acorda, as brisas se perfumão :
A alma investe até onde chega o olhar :
Na taça das delicias illusões espumão
E o seio inda nascente tenta despontar .

Que raio é mais sereno, que luz mais tenue e pura,
Do que a do seus anceios desbrochando à medo ?
Que céu de primavera iguala a formosura
Da boca enrubicada as fallas de um segredo ?

As veias de su'alma em beijos temperadas
Murmũrão sons de prata ; e o mundo se extasia . . .
Archânjo pensativo de azas orvalhadas
No collo afaga o amor, nos seios a poesia.

A flor dos sonhos d'alma em perolas medrada
No labio humedecido a palpitar se esfolha !
E como chuva amena a lagrima gelada,
A flor dos sonhos d'alma frouxamente molha.

De loiro verde e puro os montes retoucados
No seio da neblina o capacete lanção !
Medonhas sentinellas ! tetricos soldados,
Em cujo dorso escuro as mãos de Deus descansão.

As fundas cataratas quebrão-se mugindo
E vêm, jorro de espumas, desfazer-se em neve !
Em quanto o molle orvalho a titillar cahindo
A face azul do lago quer ferir de leve .

Além desmaia a veiga, — noiva somnolenta,
Que o sol de longe abraça a se esquivar tremendo :
O passarinho implume o vôo aos poucos tenta,
Mas o condor altivo os ares vai fendendo.

Murmurios, sons, perfumes, notas, harmonia
Da terra ao céu remontão, prenhes de fulgor !
O sol — fornalha accesa — os mundos allumia
Lançando aos Prometheos o guante do expendor.

Na limpida nymphéa o colibri palpita ;
A verde borboleta poua no jasmim.
E ao vento mansamente a flor ao insecto agita
Bem como uma esmeralda em felpas de setim.

Dos seios da floresta a pyra irradiante
Agreste myrrha queima á fulgida estação ;
Destende o cedro altivo os braços de gigante
Saúda a natureza o rei da solidão !

A força omnipotente em tudo no Universo ;
● sol deitando a seiva ao procrear inteiro !
A terra, mãe piedosa a emballar no berço
O infante que mais tarde a calca sobranceiro.

« Amai-vos » grito eterno, fêrvida corrente
Que aos pulsos do Universo prende o Redemptor !
D'um pólo a outro « amai-vos ! » multidão fervente
Amor á Deus no céu ; na terra, amor, amor !

Dos braços maternas apenas desligada
A virgem busca o céu, comprime o coração !
Volúvel mariposa, — as sombras desterrada
As frouxas azas quebra em fulgido clarão.

De tudo o encanto salta ! amor pollula em tudo ;
No ar, na quente relva ao longe se orvalhando . . .
No gemer da seda . . . no iris de velludo . . .
Na festa . . . na saudade . . . ella ama até chorando :

Oh ! mystica innocencia ! oh ! flor colhida
No pallido regaço da Virgem Mãi dos ceus !
●h ! perola fulgente subito cahida
Do collar immenso que os anjos prende a Deus !

Ao teu contacto o peito em pezadelo intenso
Tal como a rocha ingrata á vara de Moysés,
Resurge irradiante ; e vem ; nuvem de incenso,
Rasteiro, humilde em flocos perfumar-te os pés .

Foi Deus quem a tu'alma perlustrou um dia,
Dizendo ao mundo absorto, em turbilhões de luz :
« Eis tudo o que resume o nome de Maria !
« Vai ! Grava o meu perdão ao pé de cada cruz ! »

ROSA BRANCA

(FRAGMENTOS)

.....

As nuvens se dourão ao sol do oriente,
O lago ridente se veste de anil,
As flores esplendem de aroma e beleza...
Mas eu curvo a fronte banhada em tristeza
E choro o passado tão puro e gentil.

As aves ostentão a linda plumagem
Por entre a ramagem que treme de amor,
Nas azas das brisas enviaão seus cantos...
E' tudo sorrisos!... Só eu tenho prantos!
Só eu no silencio succumbo de dor!

Não sei como possa passar a existencia
Sofrendo uma auzencia tão cara, não sei!
Irei aos desertos?... às grutas sombrias?...
Verei no silencio passarem-se os dias...
Passarem-se os annos?... a morte verei?

.....

Que sonho tão breve! Sulcando esses mares,
Irás aos teus lares, ao seio dos teus...
Mas antes que aos olhos saudosos t'escondas,
De leve embalada nas placidas ondas,
Attende aos meus prantos! escuta um adeus!

Adeus, rosa branca, princeza encantada,
Que vais embalada nas ondas azues!
Jamais essas rosas que adornão-te a fronte
Se esfolhem quaes flores que rolão do monte
E vão revolver-se nos negros paues!

Adeus! Quando ouvires trinarem as aves
Cantigas suaves que o labio não diz,
Recorda-te ainda das noites serenas
Em que ambos voámos quaes brancas phalenas
Por eutre os perfumes de um sonho feliz!

Adeus, rosa branca! Se um dia, na auzencia
A minha existencia tiver triste fim,
Terá a minh'alma venturas celestes
Se tu te prostrares no chão dos cyprestes...
Se tu, rosa branca, chorares por mim!

DAMASCENO VIEIRA.

MARINA

Marina era um archânjo de belleza...
A' face tressuava a morbidez
Das filhas adoradas do oriente...
A fronte coroava-lhe os cabellos
Nas espaduas cahidos em no vellos
De magico perfume recendente.

Marina era um archanjo de ternura...
Em sua face pallida e tão pura
Havia um quê d'angelica innocencia;
Sua voz era um canto de magia!
E se a palavra o labio entreabria
Derramava-se no ar mystica essencia.

Sempre trocou a noite pelo dia!...
Quando a aurora brilhava adormecia,
E no leito sedoso se acordava
Quando a noite a mantilha desdobrava!...
A lua pelo sol não trocaria
E nem tão pouco a noite pelo dia.

A's deshoras da noite, ia á janella
E o luar lhe banhava a fronte bella,
Immovel qual estatua alabastrina;
Sustinha a face á mão sedosa e fina,
O corpo lhe cobria brancas vestes
Resplandecentes de clarões celestes

Que voz sublime dos labios escoava!
— Lyra divina n'alma lhe vibrava,
E quando no teclado a mão corria
Alí vellava o archanjo da harmonia:
Soluçava o piano sob a mão
Bem como no seu peito o coração.

Mas um dia Marina adoecera,
E em sua face pallida, de cera,
Não mais espanejou-se um riso doce,
Não fallou com ninguem, pelo que fosse
Até hoje não sei, foi um mysterio
Um segredo que só sabe o cemiterio.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

FLORES DO PAMPA

LUCIA *

I

Lucia era pura, mimosa
Como uma flôr!
Seus labios erão rosados
Como o pudôr!...

Suas tranças crespas, escuras
Como o ciume...
Seus olhos languidos, tristes
Como um queixume!...

Suas fallas meigas, suaves
Como um idyllio...
Seu riso travesso... inquieto
Como o lampyrio!...

Era linda! Era sublime!
Como...nem sei!...
Um dia...vi-a chorando...
Tambem chorei!...

II

E' que a criança innocente
Sentia talvez amôr!...
A aurora tambem tem nevoas
Tambem tem espinho — a flôr!...

Se nos seios virginaes
Occultão-se cruas maguas,
— Tambem o lodo s'esconde
Nas mais crystalinas aguas...

Amava...mas seu amôr
Era um mysterio... um segredo...
— Quem prescrua às sepulturas?...
— Quem é que inquire ao rochedo?...

Assim pois ninguem ousára
Desbravar esse mysterio...
— Soprava por seus cabellos
O vento do cemiterio!

III

Um dia...o povo da roça
Ajoelhado na ermida
Rezava junto ao esquite
De uma donzella sem vida...

Tambem prostrei-me contrieto
A fazer minha oração...
Ergui-me...ai! Deus!
— Era Lucia
Quem dormia no caixão!...

MUCIO TEIXEIRA.

Porto Alegre — Setembro — 73.

CHRONICA

Na sua marcha sempre progressiva, atravessando por entre sarças e invias veredas chegou o *Parthenon* ao término que tanto almejava, em que devia sentar a tenda, para entre o labor do estudo e da propaganda reformar a sociedade, inoculando no theatro o ensino publico, no lar domestico as idéas de progresso porque sempre combateu.

Está sentada sua tenda. No dia 26 de Outubro, data memoravel o *Parthenon* depois de sahido de provações arduas em que inscreveu na historia da patria o seu enthusiasmo e a justiça de suas aspirações, tomou conta dos terrenos do arraial que vai perpetuar seu nome e vio abrir-se os alicerces do seu edificio.

Já hoje existem ali quatro ruas; a principal traz a data da fundação da mesma sociedade e as outras recordão os nomes saudosos de Felippe Nery e Affonso Marques arrebatados, tão cedo ás glorias da patria, e o do Dr. Caldre e Fião, seu presidente honorario.

Pertence ao mez de Novembro a assistir á festa do lançamento da pedra do edificio do *Parthenon*. D'esse dia de jubilo vos fallará o redactor da chronica respectiva.

O que convém, porém, relatar é o como chegou á associação á posse ou dominio do terreno no *arraial* que tem seu nome.

A idéa teve-a o Dr. Caldre e Fião, e a associação accitando-a obrou assisadamente, pois não teve mais que colher os fructos que lhe preparou a comissão, composta do mesmo e dos Srs. Achylles e Lucio Porto Alegre, que nada menos forão que um terreno que vendeu por tres contos de réis, e outro de igual valor que dá para a edificação e para a praça e jardim contiguo, sem que despendesse um ceitel nem tivesse compromisso algum.

O *Parthenon* entrou, pois, no seu periodo de existencia mate-

rial e n'uma marcha ascendente de gloria e de luz. E' agora que elle póde dar ao theatro e em geral á litteratura d'esta provincia, um typo local, um character nacional, em que a sua *Revista* ha de tomar a melhor parte.

No proximo numero fallaremos, em artigo especial, da influencia do *saráo litterario* sobre a nossa sociedade.

A provincia de Minas-Geraes, onde muito proveitosas illustrações tem tido o berço, acaba de dar um spectaculo digno de admiração e de respeito.

Sahio de sua imprensa um jornal consagrado á defesa dos direitos da mulher.

Vê-se que ha n'isto um passo arrojado, um triumpho contra os sestros e prejuizos da educação que tivemos, contra as idéas estacionarias d'um povo que está acostumado á recatada reclusão arabe, ao fechado e engradado solar d'onde a mulher cheia de amarguras e tristezas, condemnada aos grillhões dourados do *dulce far niente* e da ignorancia, vê o mundo atravez da gelosia.

O *Parthenon* tomou a si a tarefa patriótica de educar a mulher, de esclarecer o seu espirito peia prelecção no *saráo litterario*; por isso não póde deixar de soltar um brado de approvação, de animação talvez, á imprensa que soube comprehender altamente a sua missão civilisadora.